

*Eixo Temático: GÊNERO, RAÇA, ETNIA E SEXUALIDADE NA
FORMAÇÃO DOCENTE*

**PROFESSORALIDADE GAY: UMA PRÁTICA DOCENTE DE
RESISTÊNCIA E ENFRENTAMENTO AO PRECONCEITO NA
ESCOLA**

Manoel Luiz Santos da Silva¹
Zuleide Paiva da Silva²

Resumo

Este trabalho, que se configura como ensaio dialógico do desenvolvimento do projeto de pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia (MPED/UNEB), tem o propósito de refletir sobre a professoralidade heterodissidente a partir da análise das práticas docentes dos professores como dispositivo de resistência ao preconceito e a discriminação contra os corpos dissidentes da heteronormatividade. Consequentemente, a intenção é promover reflexão sobre a importância da presença das identidades de gênero e diversidade sexual como ação política educacional de respeito a diversidade e o direito de expressão de todxs, todas e todos na sociedade, inclusive na escola.

Palavras-chave: Professoralidade heterodissidente. Prática Docente. Escola

Introdução

Nos últimos anos, as questões de gênero e sexualidade politizaram-se consideravelmente provocando debates envolvendo movimentos feministas, LGBTQIA+, lideranças políticas e religiosas, dentre outros, em uma série de discussão provocando impactos no sistema educacional.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade (PPGMPED) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus XIV – Conceição do Coité. E-mail: manoelluiz084@gmail.com.

² Professora Orientadora do estudo. Dr^a em Difusão do Conhecimento, da Universidade do Estado da Bahia-UNEB, Campus XIV – Conceição do Coité. E-mail: idepaivasilva@gmail.com.

São muitas questões pertinentes aos estudos relacionados a identidade de gênero e

sexualidade na educação que precisam ser problematizadas e discutidas. No entanto, este trabalho tem o objetivo de apresentar a proposta do projeto de pesquisa em desenvolvimento no Mestrado Profissional em Educação e Diversidade, da Universidade do Estado da Bahia, cujo desafio é o estudo das práticas pedagógicas de professores gays com a intenção de compreender se e como a homossexualidade suscita práticas pedagógicas diferenciadas, afetando e contribuindo com a constituição da professoralidade de docentes não heterossexuais. Ressalto que professoralidade é aqui apreendida pelas lentes de Pereira (2016), como uma *marca* produzida no sujeito, um estado. Nessa perspectiva, professoralidade não é uma identidade, é uma diferença na organização da prática subjetiva

De natureza qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, este trabalho apresenta discussão com base teórica e contribuições a partir de experiências vividas enquanto professor gay da educação básica em constante processo de constituição da professoralidade. Partindo desse entendimento, discorro sobre os desafios das discussões de gênero e sexualidade na educação e sobre a *professoralidade heterodissidente*³ frente as problemáticas relacionadas a identidade de gênero e diversidade sexual frente a heteronormatividade na escola.

Desafios da discussão sobre gênero, sexualidade na educação

Pensando a educação como um bem público e, como ofício no processo educacional, a escola deve preparar os indivíduos, em termos de conhecimento e modos de convivência, para a vida em sociedade (SEFFNER, 2013). No entanto, a escola também se apresenta como um espaço de normatização que espelha e reproduz formas e comportamentos sociais. Não diferentemente, isso acontece envolvendo as identidades de gênero e expressões das sexualidades.

A escola é um ambiente social onde as diferenças e a diversidade se fazem presentes através de cada sujeito e sujeita com seus costumes, crenças, experiências, concepções, práticas de vida família e social diferentes, tudo isso somado aos principais marcadores sociais como raça, classe, gênero, sexualidade, religião, geração, entre outros que se interseccionam. Dessa

³ O conceito de “heterodissidente” aplicada nessa discussão está atrelado ao sentido de divergir de um determinado grupo, organização e/ou modelo normativo. No caso a heterodissidente “se trata de sexualidades, as que se apresentam de forma dissidentes, fora de uma norma heterossexual” (SANTOS; SILVA, 2021, p.10).

forma, a escola deveria ser efetivamente lugar da promoção da convivência e da tolerância às diferenças e diversidade humanas.

Mas, impera no ambiente escolar a matriz heterossexista e o preconceito (JUNQUEIRA, 2009) com base no modelo regulador de vivência das práticas afetivas e sexuais aos moldes heterossexuais, e tudo que difere dessa matriz normativa é de difícil aceitação. Como afirmam Seffner; Picchetti (2016, p.6), “Nas questões de gênero e sexualidade, a norma atende pelo nome de heteronormatividade. Mas as escolas não são lugares onde apenas habitam meninos e meninas heterossexuais. E mesmo estes não têm todos os mesmos modos de viver sua masculinidade ou feminilidade”.

Contribuindo com esse debate, Burbules (2003) defende a discussão sobre a expressão das diferenças e da diversidade no espaço social, reconhecendo que este se torna pertinente porque visibiliza as questões das subjetividades deslocando o foco dos pressupostos de semelhanças, no caso em discussão hétero versus homossexual, para o reconhecimento e valorização das diferenças, dos diferentes modos de existências e das várias representações da diversidade da população.

Educacionalmente, a diferença nesse sentido parece ser tanto uma oportunidade quanto um problema. É uma oportunidade [...] porque as conversas entre os diferentes podem nos ensinar a entender formas alternativas de vida e a desenvolver empatia por elas; e porque aprender a lidar com a diversidade é uma virtude da cultura cívica e democrática.(BURBULES, 2003, p. 160).

Compreender a escola como espaço onde essas diferenças se expressam na sala de aula, nos corredores e nos demais espaços institucionais, é também considerar a possibilidade do convívio entre as diferenças a interação entre si (BURBULES, 2003). Conseqüentemente, a interação de diferentes modos de vida, da cultura e as diversas formas de expressão da diversidade possibilita as relações com o outro, com o diferente. Essa relação harmoniosa e empática, ele considera “uma virtude da cultura cívica e democrática” (BURBULES, 2003, p. 160).

Para corroborar com nossa reflexão sobre as diferenças e corpos dissidentes da heteronormatividade, Megg Rayara Gomes de Oliveira (2018) amplia a discussão fazendo a interseccionalidade dos estudos etno-raciais com os estudos de gênero e sexualidade no espaço escolar. Ela nos alerta sobre o discurso social de tolerância ao tratar sobre as manifestações abertas do racismo velado com o discurso de “tolerância”. O racismo que se

caracteriza por não ser direto e por não está claramente relacionando ao conceito de raça (OLIVEIRA, 2018, p. 185).

Jovens que assumem a identidade de gênero e a sexualidade rompendo com os padrões da heteronormatividade, em geral, são vítimas de práticas de bullying, de violência, são zoados e humilhados com apelidos, piadinhas, xingamentos e, não raramente com agressões físicas.

As crianças que colocam a cis heteronormatividade branca em dúvida são impedidas de vivenciarem plenamente essa fase de suas vidas e se deparam com discursos e atitudes próprios do mundo adulto. A sexualização precoce de seus corpos, presente nos xingamentos e apelidos e nos discursos que procuram destacar o perigo que representam para as outras crianças, impede que suas infâncias sejam vividas plenamente (OLIVEIRA, 2018, p. 189).

Para a autora não há pudor em se tentar promover o apagamento de uma infância distintiva da cis heterossexualidade⁴ branca. Esse método de apagamento das infâncias dos corpos dissidentes da heteronormatividade branca é brutal e violento. E, ele segue afetando os corpos gays e pretos em todas as gerações.

Cabe ressaltar que essa “força desumanizadora” que chamamos de preconceito não afeta somente crianças e jovens estudantes em processo de construção da identidade dos seus corpos. Ela ultrapassa os muros das escolas e afeta todxs, todas e todos que se posicionam e expressam sexualidade dissidente dos padrões heteronormativos, inclusive dos professores gays e professoras lésbicas, sujeitos de estudo do projeto.

Como pontua Oliveira (2018, p. 189) “A estratégia para que um projeto de sexualidade nos moldes hegemônico se efetive também passa pelo silenciamento”. Dessa forma percebemos que não dialogar sobre sexualidades e identidades de gênero na escola é submeter-se as formas de controle impostas aos corpos gays, efeminados, lésbicos, pretos e tantos outros. É uma estratégia de silenciamento e invisibilidade desses corpos e das origens raciais articulada pela cis heteronormativa branca (Oliveira, 2018).

Portanto, é importante se atentar para realizar uma contra estratégia de resistência e luta contra a cultura de controle dos corpos dissidentes da heteronormatividade. Apresentar através de ações informativas estratégias para repensar os diversos modos de ser e existir para além dos padrões hegemônicos de gênero e sexualidade de modo que contribua com a promoção dos direitos de cidadania de pessoas que se identificam como LGBTQIA+.

⁴ A cis heteronormatividade faz referência as práticas normativas impostas pela heterossexualidade como formas de controle das pessoas não heterossexuais e se apresenta como única normalidade (OLIVEIRA, 2018). A heterossexualidade está a serviço do poder, do controle social da libido e dos corpos, tornando-os dóceis e manipuláveis (BUSIN, 2008).

Professoralidade *heterodissidente*

Com a intenção de refletir sobre a escola como espaço das relações e sociabilidade este trabalho também tem o compromisso de refletir sobre a “professoralidade heterodissidente”, pensada, a princípio, como uma dupla diferença com base na perspectiva do projeto de pesquisa em andamento que tem como categoria de análise as práticas pedagógicas de professores/as homossexuais. Hipoteticamente, como suas experiências se convertem em saberes docentes diferenciados? Será que há uma professoralidade heterodissidente (uma docência gay/lébrica? Sobre esse processo de constituição da professoralidade e os *saberes experienciais*, Santana e Pereira (2019) elucidam:

Desse modo, ao percorrer os diferentes percursos, o sujeito se depara com processos e obstáculos que não sendo compreendidos e superados no decorrer do tempo, às vezes por meio da resistência ao negar as prescrições e determinações institucionais, às vezes cedendo ao tentar ser tutor de si mesmo, permitindo-se viver os acontecimentos e as experiências suscitadas nesse trajeto interminável que é o da composição da professoralidade (SANTANA; PEREIRA, 2019, p. 10).

Ao discorrer sobre a constituição da professoralidade ou como se torna professor, a fim de conceituar e compreender a professoralidade, Santana e Pereira (2019) vão dizer que as diversas situações de conhecimento nas formações de professores, nas experiências na prática docente e nas vivências é o que constituem a sua professoralidade. “A professoralidade é algo que se constrói à medida que o sujeito experimenta e reflete a vida vivida. Tornar-se professor, em última análise, significa uma diferença na história de cada sujeito” (SANTANA; PEREIRA, 2019, p. 8).

Assim, é possível pensar que a professoralidade heterodissidente tem como base constituinte os saberes experiências, relativos aos saberes criados, desenvolvido e mobilizados pelos professores no decorrer do exercício de sua profissão, nas formas individuais ou coletivas”, como sugerem Santana e Pereira (2019, p. 12). Porém, os saberes experienciais que constituem a professoralidade heterodissidente são atravessados pelas sexualidades que escapam da heterossexualidade. Isto é, por saberes outros, produzidos pelas experiências e docência atravessada pelo preconceito e discriminação. Alguns desses saberes não sistematizados ou não teorizados, mas desenvolvidos com a singularidade que caracteriza a professoralidade de docentes não conformados pela heterossexualidade.

Além da discussão analítica da professoralidade este trabalho toma também como dispositivo de análise do preconceito contra gays e lésbicas estudos sobre a homofobia na escola.

Estudos referentes as diferentes concepções de masculinidade(s) na ambiência escolar e análise dos discursos de professores e professoras da educação básica, realizados por Yure Barbosa Martins de Oliveira e Zuleide Paiva da Silva (2021, com o objetivo de compreender como esses discursos influenciam no processo de construção identitária da masculinidade dos/as estudantes, a partir da análise da “homofobia na escola”, observam que o preconceito se apresenta em forma de piadas, conversas sileinciadas, insultos e de maneiras diversas, de modo que “traz à tona a homofobia como práticas de coerção relacionadas à subjetividade do professor homossexual na escola” (OLIVEIRA; SILVA, 2021, p. 9). O que se observa é que a homofobia nos espaços educacionais atua intencionalmente como prática de repressão da sexualidade do professor/a homossexual.

Nessa perspectiva, entende-se a escola como partícipe atuante nessa esfera de recriminação e incitação do preconceito ao professor gay, desde à negligência constatada de discussões profícuas no que tangem à homofobia como ato de violência aos discursos heteronormativos utilizados por colegas de trabalho, discentes e corpo diretivo (OLIVEIRA; SILVA, 2021, p. 9).

Os resultados desses estudos evidenciam que a homofobia na escola é um fenômeno de regulação engendrada no cotidiano escolar para reprimir docenes heterodissidentes mediante controle da sua sexualidade (OLIVEIRA; SILVA, 2021). Os moldes de controle dos corpos e expressão das professoras lésbicas não são diferentes, pois, como afirmam Gersier Santos e Zuleide Silva (2021, p.10) “[...] quando o trato é para as questões lésbicas o contexto das vivências ligadas ao existir, e a afirmação dessas existências, ainda são prioridades, haja vista as determinações heteronormativas e as consequências da invisibilidade”. Todos utilizam o molde da heteronormatividade como forma de julgamento e controle dos corpos heterodissidentes, como forma de regulação da sexualidade na tentativa de inferiorozar e/ou invisibilizá-los oferecendo o modelo heteronormativo como forma de aceitabilidade e inclusão social..

Isso nos leva a refletir sobre as formas de controle “silenciosas” dos corpos sexuados e com identidade diversa que passam despercebidos corriqueiramente no espaço escolar. Assim, se mantem a opressão dos corpos com “sutileza e suavidade”, de modo que só percebe quem sente. No caso em questão os professores e professoras que expressam sexualidade dissidente

das concepções da heteronormatividade. Ao tratar da heteronormatividade, todos os trabalhos sobre professores e professoras heterodissidentes analisados por Santos e Silva (2021, p.10), “[...] apontam como um grande impasse social, opressor nas vidas das professoras que vivem suas sexualidades fora desse enquadramento heteronormativo, principalmente se considerarmos o espaço escolar, pois esse funciona como um agente controlador” .

Nesse contexto é importante reconhecer a contribuição dos estudos sobre gênero e sexualidade, as ações informativas, a luta e resistência contra as discriminações direcionadas às pessoas LGBTQIA+, especialmente no espaço educacional. No entanto, isso não significa que há uma preocupação das instituições escolares e/ou social quanto a implementação de práticas efetivas de defesa e acolhimento das pessoas que se identificam como LGBTQIA+ nas escolas. Especialmente se esse corpo for atravessado por uma performance de gênero dissidente dos padrões heteronormativos.

Diante dessa realidade de intolerância e desinformação, é de extrema necessidade trazer para o centro do debate os assuntos sobre as condições de cidadania LGBTQIA+ nas escolas.

Considerações Finais

Considerando a professoralidade atravessada pela sexualidade é importante observar a subjetividade, trajetória de vida familiar, social, profissional, de lutas, resistências e sobrevivências que formam e transformam professores e professoras gays e lésbicas conscientes da sua capacidade de contribuir significativamente com a sociedade pelo simples fato de “ser o que é”, como ato de ruptura dos muros e dos padrões heteronormativos.

“Desse modo, esses(as) professores(as) percebem sua sexualidade como elemento importante para sua constituição docente e vislumbram-na possibilidades de mudanças, especialmente voltadas à sua prática pedagógica, relações escolares e em outros espaços sociais” (OLIVEIRA; SILVA, 2021, p. 9). Como diria Fátima Lima⁵, “UM ATO DE DESOBEDIÊNCIA” como possibilidade de enfrentamento as coerções das subjetividades, ao preconceito e a discriminação. Um ato de afirmação de ser sujeito/a da sua própria expressão e empoderamento de ser professor/a gay e gay professor .

⁵ LIMA, Fátima. Vidas teimosas: desobediências epistêmicas, metodológicas e poéticas. Palestra de Abertura da Semana de Integração 2022.1, mediação: Prof. Dr^a. Iris Verena Oliveira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0JvTPi1RN8k&t=5458s>. Acessado em: 12 de junho de 2022.

Assim, este estudo se configura como “ato de desobediência” com o objetivo de “quebrar o silêncio” com propósito de questionar como a professoralidade gay e lésbica produz saberes docentes diferenciados? De que maneira a *professoralidade heterodissidente* contribui com a resistência e combate ao preconceito a (LGBTfobia) na escola?

Portanto, esse trabalho apresenta significativa ação socioeducativa por oportunizar a reflexão da temática, questionar os direitos de expressão da diversidade sexual e das identidades de gênero na educação. A escola precisa rever seus regulamentos e modos de funcionamento para não beneficiar apenas àqueles tradicionalmente representantes da hegemonia.

Referências

BURBULES, Nicholas C. Uma gramática da diferença: algumas formas de repensar a diferença e a diversidade como tópicos educacionais. In: GARCIA, R. L. e MOREIRA, A. F. B. (Orgs) **Currículo na contemporaneidade: incertezas e desafios**. São Paulo: Cortez, 2003.

BUSIN, Valéria Melk. **Homossexualidade, religião e gênero: a influência do catolicismo na construção da auto-imagem de gays e lésbicas**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. (Org.) **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

OLIVEIRA, Yuri Barbosa Martins de; SILVA, Zuleide Paiva. **As diferentes concepções e masculinidade(S) na ambiência ascolar: Uma análise dos discursos de professoras e professores sobre o “ser homem”**. Seminário Internacional – UFSC. Florianópolis- SC, 2021.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. **Trejeitos e trajetos de gayzinhos afeminados, viadinhos e bichinhas pretas na educação**. *Periódicos*, Salvador, n. 9, v. 1, 2018. Disponível em: < <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/article/view/25762>>. Acessado em 10 de maio de 2022.

PEREIRA, Marcos Vilela. **Estética da Professoralida: um estudo crítico sobre a formação do professor**. Santa Maria: Ed. Da UFMS, 2016.

SANTANA, Anthony Fábio Torres; PEREIRA, Marcos Vilela. Da constituição da professoralidade ou como alguém se torna professor. *REVELLI*, Vol. 11. 2019. Dossiê: Inovação, Tecnologias e práticas docentes. Disponível em: < <https://doi.org/10.51913/revelli.v11i0>>. Acessado em: 02 de junho de 2022.

SANTOS, Gersier Ribeiro dos; SILVA, Zuleide Paiva da. **Lesbianidade e docência uma revisão sistemática de literatura**. Seminário Internacional – UFSC. Florianópolis- SC, 2021.



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

SEFFNER, Fernando. **Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar.** São Paulo, v. 39, n. 1, p. 145-159, jan./mar. 2013.

Disponível

em:

<

<https://www.scielo.br/j/ep/a/3vKwmtYmc5LLPDTxhgSnnfM/abstract/?lang=pt>. Acessado

em: 02 de outubro de 2021.

SEFFNER, Fernando; PICCHETTI, Yara de Paula. **A quem tudo quer saber, nada se lhe diz: Uma Educação sem Gênero e sem Sexualidade é Desejável?** Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, p. 61-81, Jan./Abr. 2016.